

Mariazinha e o sol

que Karl mal ousava respirar. Mas quando se virou para a aranha dourada, preciso fechar os olhos de tanto brilho! Ela parecia ser um pequeno sol e os anjinhos subiam e desciam por sua teia resplandecente. De repente, no trono havia um grande e belo homem de barbas brancas e mãos finas e claras. E todos os anjos se inclinaram perante ele, um a um foram abençoados e beijados pelo bom Deus e todos ganharam asas e tinham um olhar sereno.

Subitamente, a aranha tinha o belo rosto de sua falecida mãe e um longo véu e grinalda na cabeça. Ela tomou Karl pela mão e levou-o até Deus.

- Beije-o também, Senhor, pediu ela. – Beije para que a forte saudade se vá, para que ele se torne alegre como as outras crianças e possa brincar com elas à luz do sol.

- Por certo irei beijá-lo, disse o bom Deus e tomou Karl em seus braços, mas não poderei tirar a saudade com beijos, ela ficará.

E Deus beijou a testa de Karl. Os céus ecoavam, milhares de sinos tocaram. A criança sentia uma grande labareda em seu coração e, caindo de joelhos, soluçava de felicidade.

Quando quis erguer-se novamente e olhar para o bom Deus e para sua bela e amorosa mãe, tudo estava escuro em seu redor. Caiu, quase perdeu os sentidos e seguiu caindo em silêncio e com rapidez pela noite. Caía, caía, caía e caía, até chegar ao chão do parque. Estava exatamente no mesmo lugar em que a aranha o havia apanhado. Levantou-se e foi para casa. Nana e Mohr estavam na porta e queriam sair para procurá-lo. Nana achou que ele tinha adormecido e sonhado, mas ele sabia melhor.

Ainda era o calado e pequeno Karl, mas quando o sol brilhava através dos galhos, via a aranha dourada que tinha os olhos de sua mãe, sentada no meio da teia de raios, com anjinhos subiam e desciam por ela. E quando a forte saudade voltava e queria atormentá-lo, sentia o beijo de Deus em sua testa e a labareda no coração. A forte saudade não causava mais dor no pequeno Karl.

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

Era uma vez uma menina miúda e mimosa que se chamava Mariazinha. Todo dia ao levantar, corria para a janela para cumprimentar o sol. Ela gostava muito do sol, porque era muito claro e quente. Muitas vezes, ela estendia os braços na direção do sol, como se ele fosse sua mãezinha, ria de alegria e dizia:

-Oh meu querido e bonito sol!

Um dia a pequena menina acordou e lá fora estava muito escuro, tão escuro que ela nem achou suas meias.

-Onde está o meu sol, perguntou triste, meu sol brilhante?

Mas nem Fritz, que sabia de tudo, não conseguia responder. Por isso ela pegou seus sapatos, botou o casaco com botões brilhantes e foi procurar o sol.

Na porta da casa, ela encontrou a chuva. Ficou emburrada e abriu o guarda-chuva.

-Bom dia, chuva. Você viu o meu sol?, perguntou a menina.

-Deixe-me, *plim, plim*, deixe-me, respondeu a chuva.

-Espere só, sua rabugenta, resmungou Mariazinha e abriu se guarda-chuva. Neste momento o vento chegou perto dela.

-Ai vento, você vem de tão longe, será que você sabe onde ficou meu sol dourado hoje?

-*Uiva, uiva, uiva*, fez o vento.

-Mas isso não é uma resposta correta, disse a menina e apertou os lábios. Mas o vento a deixou e saiu soprando por aí. Como o vento é mal-educado, pensou ela.

Sobre sua cabeça correram grandes nuvens negras.

-Olá nuvens, vocês viram o meu sol bonito? Já que vocês moram tão perto dele, por favor, digam onde posso encontrá-lo. Eu até daria minha boneca Hilde de presente para vocês. Ela tem cabelos loiros e crespos e está bem nova.

-Nós estamos correndo, nós estamos correndo, não temos tempo, responderam as nuvens e olharam tão sérias que a menina ficou com medo e correu para o mato.

Lá havia uma roseira com muitos botões de rosas.

-Minha querida roseira, eu sei que você gosta tanto do sol como eu, você pode me dizer onde ele estará hoje?

A roseira sussurrou:

-Ai, eu estava com sede, as minhas folhas estavam cheias de pó, os meus botões estavam quase murchos.

-Mas o sol! - chorou a menina.

-Ai, eu estava com tanta sede. Caíram gotas e minhas folhas beberam, meus botões se levantaram, era fresco e maravilhoso! E se o sol chegar, os meus botões vão se abrir e ele vai me beijar, continuou cantando o arbusto.

-Então você acredita que ele vai voltar, perguntou Mariazinha mais uma vez. Mas a roseira ficou calada, totalmente sonhadora e absorta.

A pequena menina continuou tristemente a procurar. A floresta era tão escura e horripilante, os sapos coaxavam na grama molhada. A menina estava quase voltando a chorar, quando chegou um pássaro vermelho. O pássaro sentou-se no ombro da menina e olhou-a carinhosamente com seus olhos brilhantes:

-O que você me daria de presente se eu chamasse o sol, Mariazinha?

-Um beijo, um doce beijo, disse a menina.

Com essas palavras, ela pegou no pescoço do pássaro e deu um beijo gostoso no seu bico. Ele acenou com a cabeça e voou para o topo da árvore mais alta. Lá começou a cantar, de início baixo e calmamente, depois mais e mais alto. No final, cheio de felicidade, cantou tão alto que todas as flores levantaram a cabeça e todos os animais escutaram a música, impressionados. Mariazinha dançou de alegria, enquanto o pássaro cantava e o céu começava a clarear. De repente, o sol grande e brilhante apareceu atrás das nuvens negras. Estas foram embora o mais rápido possível. O vento deitou calmo nos pés do sol, a chuva rastejou para dentro da terra e acima dos campos brilhou um arco-íris gigante.

-Olá, meu sol querido, gritou Mariazinha e estendeu os braços na sua direção. Jogou mais alguns beijinhos para o pássaro vermelho que balançava em cima dos ramos. Depois, ela foi para casa e - vocês já conseguem imaginar - ela contou toda a história para Fritz, do começo até o final. E assim, ele percebeu que ainda não sabia de tudo.

Tradução de Annelie Scheider

Quando não havia jeito de chover

- Se não chover longo, me atiro no chão; disse o guarda-chuva para a bengala de passeio enfeitada com uma cabeça de cobra e que sempre saía quando o pessoal da casa ia passear.

- Morro de chatice. Este horroroso tempo ensolarado! Se não chover logo, acho que desmaio.

Mas não chovia. O sol ardente brilhava e brilhava no céu claro. E quando o sol se deitava, continuava quente e abafado. As folhas das árvores estavam empoeiradas e ressecadas; as flores desabrochavam e logo murchavam; os pássaros procuravam nervosos por água; até o riacho havia secado. Na estrada marchavam soldados mal-humorados e sedentos, cobertos de poeira da cabeça aos pés.

E o guarda-chuva, de pura raiva e monotonia, caiu mesmo do suporte.

À tarde os soldados faziam manobras, *cabum, cabum!*

Então algumas nuvens curiosas espiaram de bem longe no horizonte:

- Que "*cabum, cabum*" é esse?, perguntaram elas e chegaram mais perto.

E mais e mais nuvens se aproximavam e queriam saber de onde vinha o barulho. Mas não conseguiam chegar a uma conclusão. Começaram a brigar e batiam uma na cabeça das outras. E querem saber de uma coisa? Quando as nuvens batem uma nas cabeças das outras, elas arrebatam e quando arrebatam, acabam fazendo chuva! E foi assim que naquele dia desabou um belo temporal sobre a terra!

As folhas e flores respiraram fundo e beberam água até fartar, os pardais brincavam nas poças; o riacho corria; os soldados cantavam uma alegre marcha ao ir para casa e o guarda-chuva foi passear no pátio com o pequeno Fritz e as botas de borracha.